

O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA E SUAS POSSIBILIDADES:  
SER PROFESSORA DE BEBÊSTHE TEACHING INTERNSHIP AND ITS POSSIBILITIES:  
LEARNING TO BE A BABY TEACHERLAS PRÁCTICAS DOCENTES SUPERVISADAS Y SUS POSIBILIDADES:  
APRENDER A SER PROFESORA DE BEBÉSAline Aparecida de Castro [1]  
Daiana Camargo [2]

**Resumo:** Dentre as diversas etapas do curso de Pedagogia, consideramos que o estágio de docência se constitui em um tempo diferenciado, de inquietações, incertezas e medos, um espaço de intensas reflexões e também de valiosas aprendizagens. Trazemos neste texto, o relato de uma experiência com os bebês. Entendemos que tratar de educação dos bebês nas instituições educativas para além dos cuidados básicos de saúde e bem-estar é tema recente. Dialogamos sobre o estágio e suas possibilidades de auxiliar a afinar o olhar para a prática pedagógica significativa com e para os bebês, entendendo seu potencial e suas especificidades. Ressaltamos ainda a importância de uma consistente formação do professor que possibilite o entendimento sobre as crianças, tal formação perpassa a intensidade e o significado das reflexões e experiências do estágio de docência.

Palavras-chave: Estágio de Docência. Educação Infantil. Bebês.

**Abstract:** Among the various stages of the Pedagogy course, we consider that the period of supervised teaching practices constitutes a different time of concerns, uncertainties and fears, a space for intense reflection and also valuable learning. In this text, we bring the account of an experience with babies. We understand that dealing with the education of babies in educational institutions, in addition to basic health care and well-being, is a recent topic. We talk about supervised teaching practices and their possibilities to help sharpen our gaze on meaningful pedagogical practices with and for babies, understanding their potential and specificities. We also stress the importance of consistent teacher training that enables children to be understood,

[1]Pedagoga, Mestranda em Educação - UEPG

[2]Doutora em Ciências da Educação - UNLP-AR. Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

training that permeates the reflections and experiences of supervised teaching practices.

Key words: Supervised Teaching Practices. Infant Education. Babies.

**Resumen:** Entre las diversas etapas del curso de Pedagogía, consideramos que el período de prácticas docentes supervisadas constituye en un tiempo diferenciado de inquietudes, incertidumbres y miedos, un espacio de reflexiones intensas y también de valioso aprendizaje. En este texto, traemos el relato de una experiencia con bebés. Entendemos que tratar sobre la educación de bebés en instituciones educativas, además de la atención básica de salud y el bienestar, es un tema reciente. Hablamos sobre las prácticas docentes supervisadas y sus posibilidades para ayudar a aguzar la mirada sobre las prácticas pedagógicas significativas con y para bebés, entendiendo su potencial y sus especificidades. También remarcamos la importancia de una formación consistente de los maestros que permita comprender a los niños, formación que impregna las reflexiones y experiencias de las prácticas docentes supervisadas.

Palabras clave: Prácticas Docentes Supervisadas . Educación Infantil. Bebés.

### **Engatinhar, agarrar, dar alguns passos...**

Assim como o bebê em seus primeiros meses de vida, diante do novo e de tantas possibilidades, assim é adentrar uma turma de bebês para a realização do estágio de docência. O novo, as descobertas, as tentativas e erros, as inseguranças. Também engatinhamos, nos agarramos e vamos conquistando espaço, passo a passo.

Tecemos ao longo deste relato algumas reflexões sobre “ser professora de bebês”, a partir do Estágio Curricular Supervisionado de Docência em Educação Infantil, disciplina obrigatória do 3º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Tal experiência foi vivenciada em um Centro Municipal de Educação Infantil, em turma denominada Infantil I, composta por 17 bebês, com idades entre um e dois anos.

Consideramos que o estágio na Educação Infantil é de suma importância para que possamos nos aproximar do cotidiano da escola/instituição educativa, reconhecer as especificidades das crianças e do fazer pedagógico para cada idade, compondo um tempo valioso para compreender a organização dos tempos, espaços, as relações criança-criança, adulto-criança. Como ressaltam Peroza e Camargo (2019, p.95), o estágio se constitui como um espaço de encontro “os adultos aprendentes, que vislumbram a novidade nas descobertas do universo infantil, que

alargam as possibilidades de experiências ao ouvir, ver e estar por inteiro com os pequenos”.

O estágio na Educação infantil proporcionou a aproximação com os bebês, justamente pela curiosidade de observar, interagir e compreender como se dá a docência com os bebês. Caminhamos entre inseguranças, pesquisas e possibilidades, fomos de erros à acertos, constituindo espaços de escuta, espaços de olhar, espaços de sensações. Fomos desconstruindo nossas certezas e delineando os caminhos pelas pistas dadas pelos pequenos.

Para tratarmos do estágio de docência e das especificidades da Educação Infantil das particularidades de ser professora de bebês, nos amparamos nos escritos de Lima (2008), Carvalho e Radomski, (2017) Santos (2014), Rocha e Ostetto (2008), Camargo e Peroza (2019), Arce (2001), entre outros.

Estar com bebês durante o espaço/tempo do estágio de docência apontou possibilidades de ação, interação, organização de práticas e ambientes, bem como permitiu indagar a formação de professores de bebês ou melhor dizendo, a restrita abordagem das teorias e metodologias específicas da educação das crianças de creche, que consideramos essencial para a vivência do estágio.

### **O estágio de docência e a formação de professores: estar, olhar, refletir, participar, agir...**

O estágio de docência requer disponibilidade, estar disposto a olhar, indagar, discutir, estudar, colocar-se no lugar do outro, requer que instituições e pessoas estejam afinadas para que juntas, possam contribuir para a formação de professores. Consideramos fundamental que a nível institucional, hajam parcerias sólidas e de confiança, Universidade e Instituição Educativa juntas, no respeito as aprendizagens e contribuições específicas de cada nível de ensino. Como ressaltam Ostetto e Maia (2019, p.20) “ é o tempo/espaço do estágio curricular que poderá garantir experiências e proporcionar aprendizagens específicas, ligadas à profissão e ao seu próprio campo”.

Sobre a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Docência na Educação Infantil, ressaltamos a importância do vínculo entre as instituições educativas, para a formação profissional e pessoal, tendo o estágio não é apenas por prática, mas espaço reflexivo. Segundo Lima, (2008, p. 199), “O espaço da escola de educação básica, recebedora dos estagiários, torna-se, dessa forma, o espaço de encontro de culturas e valores das pessoas que fazem seu

coletivo”, sendo assim é um lugar o qual vamos nos deparar com diversas realidades, pessoas e anseios. Neste sentido, contribuem os escritos de Ostetto e Maia,

Entretanto, não só de meninos e de meninas que compõem os agrupamentos de creches e pré-escolas, também dos professores e dos gestores, do coletivo, enfim, que dá forma e vida à instituição. Os sentidos de estagiar se amplificam: estar junto, compartilhar espaços e propostas, constituir atitudes éticas de investigação (2019, p. 5)

Assim, o espaço de estágio é único, a cada ano professores orientadores e acadêmicos se encontram e aprendem com as histórias de vida, as culturas distintas, que se ampliam no contato com a escola, agregando-se histórias, expectativas e indagações de professoras, funcionários e principalmente, crianças que se relacionam, num espaço no qual cada um ensina e aprende, pois “todo o processo educativo se pauta em relações estabelecidas entre sujeitos que se encontram em diferentes etapas formativas e com diferentes saberes” (PEROZA; CAMARGO, 2019, p. 87)

Ao acadêmico, estar na instituição educativa com crianças é um espaço de aprender a olhar nos olhos, abaixar sempre que necessário, ouvir as crianças (ouvir a voz, o corpo...), espaço para estar com elas, de contar e ouvir histórias, de sujar-se, de brincar, de olhar nuvens deitado no chão, de encantar-se com as possibilidades que surgem das explorações e descobertas. Tempo de recorrer aos escritos, analisar teorias e discutir teórico e metodologicamente, como organizar as práticas cotidianas na Educação Infantil, “estar no campo de estágio é, de certa forma, entrar na casa do outro” (OSTETTO; MAIA, 2019, p.7)

Para que o estágio se constitua uma experiência significativa, que permita a produção de conhecimentos, reflexões e construção de práticas pedagógicas diferenciadas, necessitamos ter o diálogo entre as partes envolvidas, de acordo com Rocha e Ostetto (2008, p.108) “Uma proposta desta natureza só se realiza quando ambas as instituições implicadas no estágio (universidade e creches, no nosso caso) verdadeiramente estabelecem diálogo, se envolvam com o processo [...]”. Segundo as autoras citadas acima nossa prática dentro da instituição não será apenas aplicar uma atividade para as crianças, mas sim precisa constituir um momento de observação, de registro, um momento em que possa discutir sobre as impressões que o momento de estágio nos causou, um momento de refletir sobre as observações e registro.

Ressaltamos que a articulação entre a Universidade e o Centro Municipal de Educação Infantil foi fundamental para que as propostas fossem delineadas, discutidas e acolhidas pelas professoras e crianças. Desde a delimitação do tema do projeto até a construção do planeja-

mento e avaliação houve integração e diálogo, assim como a receptividade das professoras se destacou como imprescindível para a realização da docência.

Entendemos que o período de estágio é apenas um recorte da realidade daquela determinada instituição, e que não é realizado durante muito tempo, porém “[...] mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre aprendizagens profissionais que a escola pode proporcionar” (LIMA, 2008, p. 201).

A disciplina de Estágio Curricular para a Docência na Educação Infantil é considerada um espaço privilegiado de articulação entre as dimensões teórico-práticas da formação de professores com o objetivo de ampliar conhecimentos, bem como de constituir e/ou fortalecer a identidade do professor para atuar em creches e pré-escolas. Nesta disciplina, busca-se reconhecer as características da prática pedagógica a ser desenvolvida com as crianças pequenas, em um ambiente cujas especificidades requerem um olhar atento e sensível por parte de acadêmicos e professores orientadores.

Ressaltamos que, ao adentrarmos a instituição de educação infantil, precisamos lembrar que as crianças são todas diferentes umas das outras, que irão se desenvolver cada uma em seu tempo, que irão gostar de coisas diferentes e em momentos diferentes, reconhecendo em cada uma delas seu potencial. Amparados nos escritos de Hoyuelos (2008) entendemos como primordial a escuta, o acompanhamento e respeito à criança, o entendimento de seus tempos.

### **Estar com os bebês e aprender a ser professora: professora sim, tia não!**

As especificidades de estar com os bebês durante o estágio nos proporcionou um importante espaço de reflexão, uma experiência única, que passa e transforma, como diz Larrosa (2016). Por meio destas experiências que construímos nossa identidade como profissionais, e nesse caso em específico de docência com os bebês, podemos observar que “a profissão de professora na creche não é, como muitos acreditam, apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige bem mais que competência teórica, metodológica e relacional”. (BARBOSA, 2010, p.6).

Quanto a esta profissionalização é que destacamos a contribuição de Paulo Freire (1997) ao enfatizar, “professora sim, tia não”: ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa mili-

tância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. (FREIRE, 1997, p. 9)

Estar com os pequenos, foi um significativo tempo do tornar-se professor, nos possibilitou um encontro com uma infância desconhecida, pois nos permitiu, como ressalta Larrosa (2016), ver a outra coisa além de nós mesmos, outras crianças. Neste sentido,

[...] o desafio de trabalhar com bebês encontra-se principalmente na comunicação, pois interpretá-los demanda disponibilidade, conhecimento e interesse do adulto. Os bebês que ainda não falam, por exemplo, apresentam fortemente outros modos de comunicação, como olhares, gestos, balbucios, choros, sorrisos e movimentos que expressam suas demandas. (CARVALHO; RADOMSKI, 2017, p.45)

Deste encontro, pudemos aprender com eles, observamos as diversas linguagens, tornando ainda mais valiosa e desafiadora a escolha por esta faixa etária de crianças, no trilhar caminhos para a docência e compreender as particularidades de ser professora de bebês, com as crianças que ainda não falam, e que se expressam de outras maneiras.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, “a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens [...]” (BRASIL, 2010, p.18).

Entendendo as diversas linguagens que compõe o cotidiano da Educação Infantil escolhemos em conjunto com a equipe pedagógica da Instituição campo de estágio, a Literatura Infantil como fundamento para as práticas de estágio de docência, diante das possibilidades de experiência envolvendo diferentes formas de expressão.

Sendo assim, a proposta do estágio foi realizada a partir da literatura infantil, de materiais, texturas e cores relacionadas a cada obra. “Literatura Infantil é a arte que usa a palavra como linguagem expressiva e como tal dever ser trabalhada. Mais do que um modo de cognição, a Literatura é um alimento para a alma” (KAERCHER, s/d, p. 135).

Enquanto professores (ou professores em formação) somos responsáveis pela qualidade e diversidade de possibilidades propiciadas no ambiente educativo. A escola é espaço de cultura, de crianças, com crianças e para crianças de modo que as crianças e reiteramos a importância de acesso a diversidade textual, cultural, sonora, visual que compõe e literatura infantil.

A busca de obras e autores foi realizada pensando em que, para que além de ouvir diversas

histórias, belas e feias, alegres e tristes, longas e curtas permitissem aos bebês a experiência literária, a interação com o objeto livro, que as crianças pudessem tocá-lo, cheirá-lo, manuseá-lo, de frente para traz, quantas vezes considerassem pertinente, enfim, que viver a leitura/literatura/texto intensamente.

Em paralelo a realização das inserções de observação, e já norteados pela literatura infantil, passamos a pensar o planejamento das propostas de docência. O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. (OSTETTO, s/d, p.01)

Planejar para a prática com os bebês é levar em conta que o trabalho com os pequenos possui diversas especificidades que precisamos ficar atentas, pois o trabalho em uma turma de berçário possui outra dinâmica, rotina e encaminhamento das práticas e essas práticas devem ser desenvolvidas ao ritmo das crianças, quem conduz o planejamento são elas!

O trabalho com os pequenos possui especificidades, pois o trabalho em uma turma de bebês possui outra dinâmica, rotina e encaminhamento particular das práticas, “uma das características de uma turma de bebês é que, mesmo quando a professora tem uma proposta muito interessante, os bebês geralmente não participam dela como grupo completo, ou ao menos não ficam presentes em sua totalidade”. (BARBOSA, 2010, p.11).

Ao nos depararmos com um grupo diferenciado, com ações, tempos e necessidades singulares, diferentes do vivido em salas/turmas das crianças um pouco maiores, comprovamos o dito por Barbosa (2010) sobre o grupo de bebês, é exatamente a primeira característica que pudemos perceber, as práticas realizadas são desenvolvidas ao ritmo das crianças, com grupos menores, nos orientando sobre o planejamento, no ritmo por elas constituído. Seguimos, descrevendo momentos e refletindo sobre o vivido...

### **Bebês, literatura ... surpresas**

É importante destacarmos que uma das grandes indagações durante o processo de planejamento foi “como trabalhar literatura infantil com bebês?”, pois o trabalho com os bebês possui diversas especificidades, e uma delas é de quando vamos realizar alguma atividade, ou

ler uma história, cantar uma música, segundo Barbosa (2010) os bebês não participam das atividades como um grupo completo, pois sempre há algum aluno que está com sono, que precisa de outros cuidados, sendo assim na prática com bebês o trabalho deve ser realizado de uma forma diversificada, atendendo as características e especificidades das crianças.

Cuidadosamente escolhemos algumas obras (O lenço, de Patricia Auerbach (Editora Brinque Book); Não é uma caixa, de Antoinette Portis, (Editoral Presença); O jornal de Patricia Auerbach (Editora Brinque Book).

Durante a experiência da docência com os bebês, fomos surpreendidas com o contato das crianças com os livros e todas as possibilidades de intervenção que eles nos ofereciam, as indicações de como pensarmos as próximas ações do Estágio. Os bebês nos diziam muito sobre sensações, sobre tempos, sobre gostos... Sobre ler imagens e as infinitas possibilidades dos materiais oferecidos. Mãos, olhos, corpo todo, nas explorações do livro e dos materiais oferecidos.

Figura 1: O encantamento com a literatura infantil

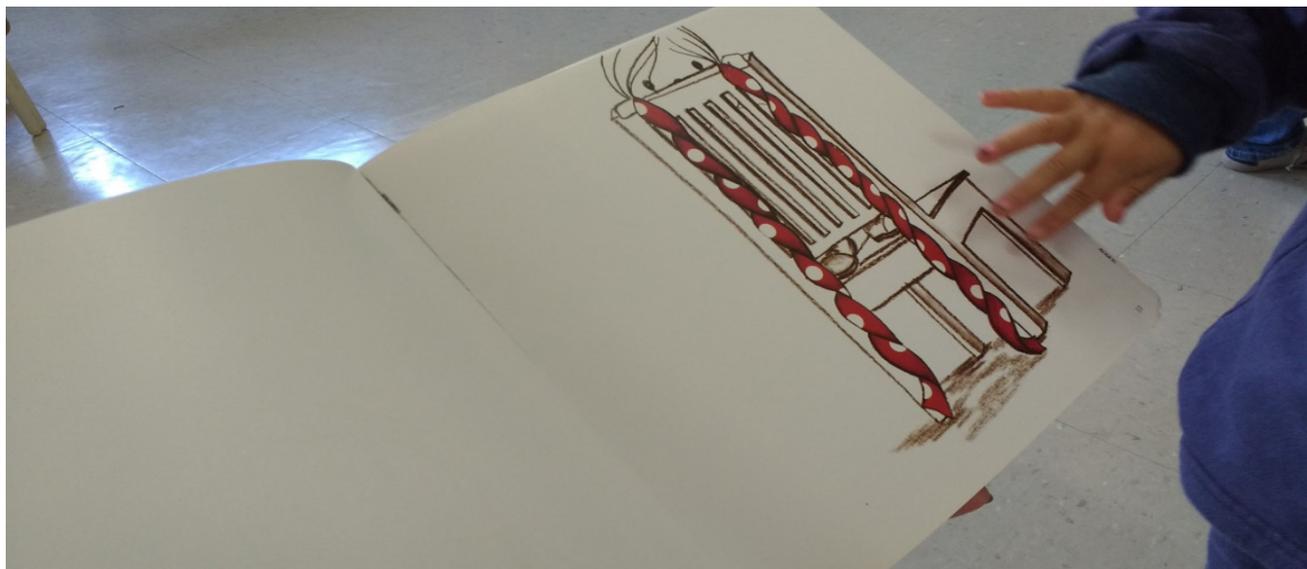


Fonte: Acervo das autoras

Outro aspecto que nos chamou atenção foi que, na primeira docência haviam diversas crianças dispersas pela sala no momento da história, com o passar do tempo a maioria já ficava

por perto nesse momento, mas na última docência foi realmente surpreendente, todas as crianças próximas, encantadas, do início ao fim da história. Foi um momento em que gerou surpresa dando indícios que o trabalho com a literatura foi significativo para eles, um desafio no início, mas foi recompensador no final.

Figura 2: As mãos, as descobertas



Fonte: Acervo das autoras

Figura 3: O lençol, agora virou casa



Fonte: Acervo das autoras

Os livros escolhidos eram compostos apenas por imagens, pois “convém destacar que, no exercício de “letramento visual” as ilustrações dos livros infantis podem ser empregadas como importantes recursos e estímulos à sua aprendizagem [...]” (ZIMMERMANN, s/d, p. 5) facilitando o trabalho com os pequenos, pois quando os livros possuem apenas imagens podemos juntamente com eles contar e recontar as histórias sem ficarmos presos ao texto “[...] permitindo ao leitor estabelecer diferentes relações dentro de uma mesma história.” (ZIMMERMANN, s/d, p. 5).

Além do trabalho com a literatura buscamos levar diversos materiais que não eram comuns no dia-a-dia daquelas crianças (tecidos, jornais, papel celofane, tinta, plástico bolha, caixas, garrafas pet).

Figura 4: Tinta, plástico e papel: cores



Fonte: Acervo das autoras

O trabalho com a tinta foi nos chamou atenção, pois os bebês se envolveram tanto naquela proposta, compondo um momento lúdico, de grande experimentação, contanto com a aceitação e colaboração das professoras, que permitiram a realização desta e das demais ações ao longo do estágio.

Crianças, professoras e estagiária envolvidas em plenitude, rindo com os risos dos pequenos, com as descobertas nas misturas de cores, dos sons de ploc, ploc do plástico bolha. Neste momento, aparecem na cerca (que divide o Centro de Educação Infantil da Escola Municipal, várias crianças que estavam em horário de recreio, os olhos brilhavam e as vozes admiradas diziam: Olha! Os bebês!!! Eles também fazem atividade!)

Figura 5: Cores, movimento, sensações



Fonte: Acervo das autoras

A partir das vozes de outras crianças podemos indagar: Quem são os bebês no espaço educativo? O que fazem? Que espaços habitam? Com quem interagem? O que lhes é proposto?

Neste sentido, ressaltamos a importância do entendimento das necessidades da criança e suas formas de aprender, por toda a instituição:

Não é só tempo da docência, da atuação junto às crianças, com os conteúdos e atividades correspondentes, em horas marcadas: é envolvimento de toda a instituição! Não é cada um na sua sala, com seus alunos, mas todo com todas as crianças, com o coletivo

da creche, nos diferentes espaços. (ROCHA; OSTETTO, 2008, p.109)

As crianças em todas as docências exploravam de maneira significativa e lúdicas os materiais utilizados, por exemplo, o contato que as mesmas tiveram com a água no encontro em que trabalhamos o barco de papel, foi um momento mágico para os bebês, pois para eles não era comum brincar com a água, sendo assim aquele momento foi bastante proveitoso, significativo e lúdico. Tal situação nos faz lembrar as palavras de Malaguzzi (EDWARDS, 2016) ao tratar das cem linguagens da criança. Ali, nós, barcos, bacia, papéis, água e bebês, em profunda conexão, muito foi dito em olhares, suspiros, sorrisos, sons da voz e do corpo. O estágio nos fazendo professores capazes de superar o medo, olhar aos pequenos, aprender com eles e sobre eles. Todos aprendemos, pois

No âmbito da formação inicial no curso de Pedagogia, o Estágio Curricular Supervisionado para a Docência na Educação Infantil tem se caracterizado como um espaço fundamental de contato com a realidade educativa, com seus desafios, mas também, como possibilidade para descobertas sobre o universo infantil. No âmbito das experiências vividas por professores orientadores, acadêmicos estagiários, professores das instituições e destes com as crianças, emerge um elemento que tem sido destacado como de fundamental importância para aqueles que são o foco do processo formativo, quais sejam as crianças e os acadêmicos: a experiência do encontro entre sujeitos aprendentes (PEROZA; CAMARGO, 2019, p. 96)

O estágio envolve relações, interações, tensões, laços de afeto e confiança e, como salientam Rocha e Ostetto (2008) o estágio não possui apenas um caráter aplicativo e prescritivo, mas sim um momento o qual as educadoras em formação possam exercitar o olhar para o cotidiano infantil, contribuindo assim para a formação pessoal e profissional, ao final dos estágios pudemos perceber o quão verdadeira e valiosa é esta reflexão das autoras. Vemos hoje os bebês com outros olhos, ampliamos as possibilidades e nos fortalecemos a seguir estudando, pesquisando e lutando pela visibilidade dos bebês.

Educar é atividade coletiva, aprender é coletivo, é um tempo/espaço de aprendizado, reflexão, vivência, experiências e formação, sendo assim as crianças nos acolheram muito bem, e as professoras da turma de Infantil I também, embora algumas ações tenham gerado olhares desconfiados de algumas profissionais, consideramos que para aprofundamento dos conhecimentos, ampliação das reflexões sobre a formação de professores, necessitamos ter o diálogo entre as partes envolvidas, uma parceria com profissionais e crianças, amparado em escuta e respeito.

## **E depois do estágio? Retomando escritos, imagens, vivências**

Que meses intensos vivemos, que retomamos, avaliamos e indagamos, por meio de memórias e registros. Momento de retornar à Universidade e juntamente com os colegas partilhar, relatar, olhar para as práticas pedagógicas com crianças, refletir sobre o processo formativo, sobre crianças e instituição educativa.

O diário de bordo e os registros fotográficos foram companheiros de estágio para que pudéssemos obter elementos para organizar uma narrativa, construir uma documentação deste tempo e das experiências do Estágio de Docência. Consideramos que o registro diário é muito importante, é onde podemos registrar nossos próprios pensamentos, nossos desabafos e posteriormente refletir sobre esses registros para assim, ao longo do tempo ir se aperfeiçoando como profissional. Segundo Ostetto, (2008, p. 20) não se trata apenas de contar o que aconteceu e se passou naquele determinado dia, dia a dia [...] mas de tentar compreender o passado, estabelecendo relações com a continuidade do trabalho, o que veio antes, o que virá depois: ensaiar análises sobre o vivido para, assim, aprender com a experiência.

Assim, voltamos aos registros e pudemos reconhecer as aprendizagens, as superações bem como as indagações que persistem quanto a ser professor de bebês. Olhando para as propostas desenvolvidas, destacamos a riqueza dos materiais diferenciados (tecidos, embalagens, caixas...) tudo foi minuciosamente explorado pelos bebês. Dentre estas propostas, mencionamos a relação com os tecidos, o escondeu achou, o tecido que enrola a boneca que delicadamente se ninava, como se nada mais houvesse ao redor; a tinta que pode ser explorada livremente em momentos diferenciados, os sons e texturas do celofane e do plástico bolha, o encantamento do olhar ao transpassar o papel azul, verde, vermelho; a curiosidade com os carimbos de plástico bolha, o que também foge do convencional do uso do pincel ou a impressão aligeirada da palma da mão.

Realizamos também a mistura de algumas cores, e percebemos que mesmo com crianças tão pequenas esse trabalho é possível. Colocamos também plástico bolha nos pés das crianças, para que elas carimbassem com tinta em um longo papel, um trabalho que outras crianças da instituição foi observar os bebês realizarem esse trabalho.

É um envolvimento de toda a instituição, dos sujeitos que frequentam a mesma, é um tempo/espço de aprendizado, reflexão, vivência, experiências e formação, pois o estágio, segundo Rocha e Ostetto (2008) não possui apenas um caráter aplicativo e prescritivo, mas sim um momento o qual as educadoras em formação possam exercitar o olhar para o cotidiano infantil, contribuindo assim para a formação pessoal e profissional.

Assim, ao retornarmos aos escritos e registros de imagem para o diálogo no espaço da Universidade vimos a riqueza de um processo,

O movimento processual e formativo do ir à instituição de educação infantil e retornar à universidade, pode permitir aos acadêmicos um olhar significativo para o universo das crianças pequenas, possibilitando valiosas reflexões sobre crianças e suas infâncias, a indagação quanto às práticas e rotinas, a organização de tempos e espaços, fundamentais à constituição do professor de educação infantil. As reflexões acerca da importância do estágio curricular para a docência na educação infantil, no âmbito da formação de professores para atuar com a criança pequena, só alcança seu real sentido quando aliadas à dimensão da experiência do encontro entre sujeitos que aprendem e ensinam. Esta experiência vivenciada no espaço da escola e com a criança torna-se elemento fundamental na compreensão do ser professor da Educação Infantil (PEROZA; CAMARGO 2019, p. 94).

Pudemos perceber, no depois do estágio, em nossos encontros na Universidade, tratando das diversas experiências dos colegas de turma, partilhando aprendizagens e reflexões, que todos se transformaram. Aprimoramos conhecimentos, trouxemos muitos elementos para estudos, pensamos a docência na Educação Infantil de outra forma.

### **Considerações Finais**

Enlaçando os olhares, de acadêmica e de professora, aqui destacamos a importância do estágio na formação de professores. São pequenos mas valiosos passos, precisamos aprimorar a formação no âmbito curricular, ampliando as discussões sobre criança e em particular sobre bebês. Estar com os bebês ainda gera estranheza tanto na instituição de Educação Infantil (nas profissionais que nos recebem e questionam sobre o que vamos fazer com os pequenos) como no espaço acadêmico (ora pela ausência de conhecimento do potencial dos bebês, ora pela vinculação a ideia de facilidade da realização de estágio, desmerecendo tal prática).

Ponderamos que tal postura pode estar relacionada ao entendimento de que, aos bebês, se direcionam apenas ações de cuidado, não compreendidas como educativas, bem como vinculados ao paradigma da maternidade/maternagem como característica primeira para estar com bebês, relacionados a figura feminina, para a qual por muito tempo acreditou-se não haver

necessidade de formação, como ressalta Arce (2001, p.174).

[...] a presença do mito da mão/mulher como educadora nata nos clássicos europeus da educação infantil e a constatação da existência desse mito no cotidiano da educação infantil na atualidade brasileira. Alguns fatos da realidade da educação infantil no Brasil chamava [...] atenção, como a falta de preocupação em formar profissionalmente a pessoa que iria atuar nesse campo da educação, a grande quantidade de diagnósticos apontando a desqualificação dos profissionais e a extensiva gama de programas de educação baseados no trabalho voluntário, principalmente de mães.

A formação inicial proporcionada pelo curso de Pedagogia e em específico pelas vivências do estágio com crianças pequenas são de suma importância os futuros professores, segundo Santos (2014, p. 6)

[...] a formação, inicial e continuada, é um dos pilares estruturantes para o exercício qualificado da docência na Educação Infantil. Penso que sem uma formação específica para Educação Infantil, pautada em conhecimentos teórico-práticos, de caráter interdisciplinar e contextualizado, a prática pedagógica nos berçários pode se transformar em um ato meramente de cuidado, descaracterizando e fragilizando a função docente na Educação Infantil e diminuindo as experiências dos bebês com as diferentes linguagens.

Ressaltamos assim que a articulação teórico-prática é fundamental para a organização de uma prática pedagógica coerente e relacionada ao que é próprio da criança pequena, pois o momento do estágio, segundo Rocha e Ostetto (2008) não possui apenas um caráter aplicativo e prescritivo, mas sim um momento o qual as educadoras em formação possam exercitar o olhar para o cotidiano infantil, reconhecer as particularidades de bebês e crianças, seus espaços/tempos contribuindo assim para a formação pessoal e profissional.

## Referências

ARCE, A. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**. n.113, p.167-184, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a09n113.pdf>>. Acesso em: 29 de setembro de 2017.

BARBOSA, M. C. **Especificidades da ação pedagógica com bebês**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>>. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

CARVALHO, R. S. de; RADOMSKI L. L. Imagens da docência com bebês: problematizando narrativas de professoras de creche. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 22, n. 44, p. 41-59, jan./abr. 2017.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho d'água, São Paulo, 1997.

HOYUELOS, A. Los tiempos de la infancia. **Revista Temps per créixer**, 15-30, 2008.

KAERCHER, G. E. P. da S. **Literatura Infantil e Educação Infantil**: um grande encontro. s/d. p. 135-142. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.pdf>>. Acesso em: 28 de setembro de 2017.

LAROSSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autentica, 2016.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.8, n.23, 2008, p. 196-205, jan.-abr. 2008.

OSTETTO, L. E.; MAIA, M. N. V. G. Nas veredas do estágio docente: (re)aprender a olhar. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-14, e-2019.209209218555, 2019.

PEROZA, M.A.R.; CAMARGO, D. A experiência de encontro entre sujeitos aprendentes: aspecto da formação docente vivenciado no estágio supervisionado em docência na educação infantil. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 1, p. 85-98, mar. 2019 <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v24i1.4595>

ROCHA, E. A. C.; OSTETTO, L. E.. O estágio na formação universitária de professores de educação infantil. In: SEARA, I. C.; DIAS, M. de F. S.; OSTETTO, L. E.; CASSIANI, S. (Orgs). **Práticas pedagógicas e estágios**: Diálogos com a cultura escolar. Florianópolis: Letras Contemporânea, 2008. p. 103-116.

SANTOS, M. O. dos. O lugar dos bebês e de suas infâncias nas práticas pedagógicas em instituições do Proinfância. **Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias** - IV GRUPECI. Universidade Federal de Goiás - Goiás, 2014. Disponível em:<<http://www.grupeci>.

fe.ufg.br/up/693/o/TR51.pdf>. Acesso em: 26 de setembro de 2017.

ZIMMERMANN, A. Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras. In: **GRUPO DE PESQUISA ARTE E EDUCAÇÃO** (GPAE). Florianópolis: Udesc, [s.d].

### **Como citar**

CASTRO, A. A.; CAMARGO, D. O estágio de docência e suas possibilidades: ser professora de bebês. Revista Ipê Roxo, Jardim, volume 3, número 1, páginas 1-17, fev. 2021.